

## PSICANÁLISE ON-LINE, UM ANO E MEIO DEPOIS

ON LINE PSYCHOANALYSIS, ONE YEAR LATER

Luciano Mattuella<sup>1</sup>

Resumo: Por conta da pandemia de COVID-19, a maior parte dos psicanalistas passou a receber seus pacientes na modalidade online. Neste texto, tenho por intenção elencar algumas questões relativas a esta forma de praticar a psicanálise, como a diferença entre virtual e real e a nossa inelutável constituição pela linguagem. Procuo pensar o virtual não como o contrário do real, mas como uma das dimensões em que habitamos como seres linguageiros. Neste sentido, nosso trabalho como psicanalistas não só acolhe a modalidade online como também sempre se ocupou desta dimensão humana.

Palavras-chave: Pandemia. Psicanálise on-line. Virtualidade.

*Abstract: Due to the COVID-19 pandemic, most psychoanalysts started to see their patients online. In this text, I intend to list some issues related to this way of practicing psychoanalysis, such as the difference between virtual and real and our ineluctable constitution by language. I try to think of the virtual not as the opposite of the real, but as one of the dimensions we inhabit as speaking beings. In this sense, our work as psychoanalysts not only embraces the online modality but has always been concerned with this human dimension.*

*Keywords: Pandemic. On line psychoanalysis. Virtuality.*

Uma consideração preliminar para pensarmos o tratamento psicanalítico on-line: nós não fazemos uso da linguagem como um instrumento, mas nós habitamos a linguagem. Não há como sair da linguagem para falar de si mesmo, dos outros, do nosso sofrimento, dos nossos sintomas, do mundo... Na casa da linguagem, nós estivemos desde sempre em quarentena. Nós não somos seres *com* linguagem, mas seres *de* linguagem – o acesso ao simbólico nos é constituinte da mesma forma como podemos dizer que a materialidade do corpo também é.

Dessa forma, nós sempre moramos em uma espécie de estranhamento a nós mesmos: a linguagem que nos constitui não é uma terra firme em que estamos sempre bem localizados, pelo contrário, é um campo aberto no qual estabelecemos alguns mínimos postos avançados que tomamos como referência para nos orientarmos. Talvez Lacan chamasse esses postos avançados de “significantes mestres”, lugares aos quais, mesmo perambulando a esmo, nos vemos retornando. O vagar sem direção não é aleatório, é regido por leis inconscientes que ultrapassam a nossa racionalidade.

Um dos aspectos traumáticos desta pandemia talvez possa ser justamente a colocação em crise desses pontos de referência aos quais nos habituamos. Fulano é advogado, ciclano é padeiro, beltrano é psicanalista. Esses nomes que

<sup>1</sup> Psicanalista, doutor em filosofia (PUCRS) com estágio doutoral na Université de Strasbourg, França, pós-doutor no departamento de Psicanálise e Psicopatologia (UFRGS), programa Psicanálise, Clínica e Cultura, membro da APPOA.

assumimos precisam do referendo da Cultura – os significantes-mestres não são autofundados, mas nos surgem como decantados do Outro social. Em um mundo que se desfaz pela ação de uma agente invisível – o vírus –, quem somos nós?

Essa deflação dos alicerces simbólicos também tem efeitos no campo do imaginário, uma vez que parece que o espelho que até então refletia de volta uma imagem razoavelmente consistente de nós mesmos acabou por ficar embaçado. Os corpos que não circulam mais pela rua têm que se adequar a um contorno nunca antes experimentado, algumas dores vão surgindo, certo cansaço experimentado fora de hora. Os regimes de sono e alimentação também mudam, modulando um *ritmo* diferente daquele a que estamos acostumados. Ocorre uma *perda da realidade*, no sentido freudiano do termo, ou seja, um esfacelamento das matrizes imaginárias que nos dão um lugar no mundo e em nossa própria história.

Efeitos do traumático sobre a palavra e a imagem. Além disso, efeitos do traumático nas pequenas rotinas cotidianas: a ida ao supermercado, a visita aos amigos, as saídas para restaurantes e, claro, nosso modo de trabalhar.

Desde o dia 17 de março de 2020 movi todo o consultório para a modalidade on-line. A coluna sofre um pouco mais do que na confortável poltrona do consultório, a paisagem para além da janela me mostrava uma avenida – ainda – movimentada e um prédio comercial praticamente deserto. Alteração da rotina, mas manutenção do trabalho analítico. Ao longo de um ano e meio, as atividades do prédio ao lado foram retomadas, e o avanço da vacinação também foi permitindo as pequenas aberturas para o mundo, o retorno a algumas atividades banais. Ainda que os corpos tenham, aos poucos, voltado a circular, mantenho o trabalho on-line. Ainda sinto, agora passada a metade de 2021, mais artificiais os protocolos para atendimento presencial (máscara, higienização frequente, janelas abertas) do que o trabalho pela tela.

Também fui percebendo a dificuldade de nomear essa nova forma de trabalho. Alguns colegas chamavam de “atendimento virtual”. Outros, de “atendimento on-line”, “psicanálise a distância”, “psicanálise on-line”. Curiosamente, isso faz também pensar: O que fazíamos antes da pandemia? Psicanálise presencial? Mas o analista não estaria presente também no trabalho on-line?

Da minha parte, não gosto da denominação “atendimento virtual”, uma vez que acredito que, mesmo presencialmente, o psicanalista comparece sempre de forma *virtual*. O virtual não é o contrário do real, mas contrasta com o *atual*, aquilo que se *atualiza* na cena do mundo. Como diz Pierre Lévy, “em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (2011, p. 15). Ainda no mesmo livro, *O que é o virtual?*:

Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores. O problema da semente, por exemplo, é fazer brotar uma árvore (Lévy, 2011, p. 16).

A analogia de Lévy é a da semente e da árvore, portanto. Importante perceber, entretanto, que não se trata de uma relação direta: não está em jogo uma equação de necessidade – toda semente se tornará árvore –, mas sim de *atua-*

*lização*: a própria virtualidade tem consistência de realidade. Talvez possamos pensar no sonho enquanto sonhado como a semente; apenas ao ser contado ele se atualiza na transferência, mas aí já é outra coisa, uma vez que atravessado pela linguagem. Há um desencontro fundamental entre o sonho e o seu relato, bem como entre o vivido e o narrado. Esse desencontro é a própria dimensão da castração, índice de nossa alienação na linguagem.

Ora, por que o psicanalista ocupa um lugar virtual? Lacan nos lembra que o analista enquanto pessoa é *suporte* de uma função, empresta seu corpo a sustentar um lugar de *endereço* da fala do analisante. Afinal, não é comum ouvirmos no nosso consultório um paciente dizer que assim que acordou, pensou que deveria nos contar o sonho da noite na próxima sessão? Ou que, antes de tomar uma decisão, pensou o que seu analista diria sobre tal escolha? Importante não confundir a função analista com a materialidade do analista. Lacan nos fala da instalação do significante da transferência, ou seja, da abertura desse campo Outro ao qual remetemos os nossos sintomas e no qual supomos habitar um saber sobre nós mesmos. Ao não *se atualizar* em cena, o analista, portanto, resta como um “problema” – no sentido de Lévy – carente de “solução”. Em outros termos: seu desejo se mantém como um enigma. Fica em aberto ainda uma possível relação entre os conceitos de *virtual* e de *I*, afinal, Lacan afirma que a “posição do psicanalista, eu a articulo da seguinte forma – digo que ela é feita substancialmente do objeto a” (Lacan, 1991, p. 40). Esse objeto a é impossível de se reduzir à palavra ou à imagem – extremo da virtualidade.

Assim, tenho pensado que uma das formas mais comuns do aparecimento da resistência do analista é a confusão entre sua presença virtual e atual. É paradoxal, mas a cada vez que o psicanalista *atualiza* a sua presença, ele cai da posição de analista que lhe é suposta. Impossibilidade do ato analítico que, justamente, garante a sua eficácia. É por levar em conta o *impossível* que a psicanálise é eficaz em suas incidências sobre o inconsciente: a castração como constitutiva, não necessariamente como obstáculo – há que se distinguir a impossibilidade da impotência.

Essa experiência de trabalho on-line não é, entretanto, inteiramente nova entre os colegas. Já há algum tempo, por exemplo, venho conduzindo análises dessa forma com pacientes que começaram seus percursos aqui em Porto Alegre e foram morar no exterior. Ou mesmo alguns analisantes que, morando em outro país, sentiram necessidade de começar um trabalho analítico em seu idioma de origem. Tive um primeiro bom estranhamento com essa forma de trabalho quando um desses pacientes me disse algo como: “Quando eu for *lá* pro Brasil nas férias...” *Lá?* Mas eu, Luciano, estou aqui! O esperado seria uma frase como “Quando eu for *aí* para o Brasil...” Esse pequeno sobressalto que tive na escuta me fez pensar, como eu disse no começo deste texto, sobre a nossa posição *na* linguagem. Onde eu, psicanalista, estou na fala desse paciente? Quando o paciente diz que vai “*lá*” para o Brasil, ele me traz para perto dele – melhor dizendo, ele explicita que, enquanto função, eu tenho um lugar simbólico em sua rede significante. Lembremos aqui da noção de *shifter* para Jakobson, esses elementos de linguagem que denotam “desde onde” alguém fala.

Nos atendimentos recentes, outros momentos de surpresa que ajudam a pensar: um analisante, em sua primeira sessão on-line, me diz: “Quando eu vim na semana passada...”. *Vim.* Ao escutar essa frase, pensei: Veio para onde? Há toda uma filosofia do espaço nessa sentença do meu analisante: habitamos no mundo um espaço virtual, como eu disse no começo do texto. A sessão anterior

desse paciente havia sido em meu consultório “físico” – parece que também se montou aí um espaço psíquico, para além da materialidade.

É claro que esse esvaziamento da concretude nos lança também em um lugar de desamparo constitutivo: antes de ganharmos “materialidade corporal”, nós somos uma ficção no inconsciente de alguém, precisamos ter sido supostos e imaginados por nossos pais. O corpo sempre chega atrasado ao simbólico. Esse descompasso, ainda que assustador – como em momentos como este que vivemos –, também é a nossa riqueza enquanto sujeitos. Esse Outro que nos supôs pode surgir tanto em sua face aterrorizante – como aquele que detém um saber sobre nós – como em sua dimensão de acolhimento: é nele que podemos encontrar as mínimas linhas ficcionais que nos dão um lugar no mundo. Quando o tecido da realidade parece se desfazer e os significantes-mestres se descolam dos significados habituais, nós temos essa biblioteca íntima de nossa pré-história como referência para nos reescrevermos. Podemos voltar ao nosso estatuto de semente para germinar algo diferente.

Evidentemente, escrever essas linhas enquanto o cenário ainda não está resolvido é um risco, mas também uma forma de ir tecendo alguma reflexão sobre aquilo pelo que já passamos e, especialmente, sobre aquilo que ainda pode nos ocupar em um mundo pós-pandêmico. Ficarmos apenas acompanhando as notícias e as postagens em redes sociais pode dar uma sensação de perda de autoria sobre o mundo, uma objetualização de nós mesmos frente ao imponderável. Já sabemos que os números são drásticos e que estamos lidando com um excesso impensável. Entretanto, é importante não nos identificarmos com a doença ou com a morte. Há que não se ter pressa: enquanto analistas, estamos padecendo do mesmo impossível que nossos pacientes – é uma travessia em parceria a que estamos realizando. Também me parece importante resguardarmos o aspecto singular de cada analisante, evitando teorizações abstratas e superabrangentes. Para cada um de nós, esses significantes que circulam pela Cultura – vírus, pandemia, COVID-19... – têm um sentido próprio. Acredito ser necessário não fazermos uma espécie de epidemiologia psicanalítica. Lembrando Lacan:

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver (Lacan, 1988, p. 260).

Cabe ao analista, no trabalho on-line, o mesmo que no trabalho dito presencial: sustentar o desejo de obter a “máxima diferença”, de discernir as incidências singulares dos significantes ofertados pelo Outro da Cultura. Falar sobre o que tem acontecido, sobre como isso tudo afeta singularmente, é uma forma de retomar um mínimo de autoria para ajudar-nos a remontar uma mínima imagem em um espelho que, subitamente, se quebrou.

#### REFERÊNCIAS

- Lacan, J. (1988). **O seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1991). **O seminário: Livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lévy, P. (2011). **O que é o virtual?** (P. Neves, Trad.). São Paulo: Editora 34.